

cultura

A IDENTIDADE CULTURAL DE MACAU: A SUA PRESERVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ANTES E DEPOIS DE 1999*

*Gary Ngai ***

1. A NECESSIDADE DE PRESERVAR E DESENVOLVER A IDENTIDADE CULTURAL DE MACAU

No decurso dos três últimos anos da transição em Macau, as pessoas parecem estar mais preocupadas com o apressar da resolução de problemas políticos, tais como a localização dos quadros da Função Pública, a tradução e remodelação das leis existentes, a utilização mais frequente do chinês como língua oficial da Administração, ou mesmo com a questão da nacionalidade dos macaenses, para além de problemas de carácter económico, tais como a transformação das indústrias de *low tech* (baixa tecnologia) em indústrias de *high tech* (alta tecnologia), a resolução da excessiva oferta do mercado imobiliário em relação à procura, a melhoria das infra-estruturas de Macau como segundo porto franco da China .

Estes assuntos são sem dúvida cruciais para o futuro de Macau e exigem uma solução adequada antes de 1999. Mas há questões de grande importância na área da educação e cultura, que merecem uma melhor atenção por parte das comunidades e das autoridades de dentro e fora de Macau, ainda antes de 1999, se é que Macau está interessado em ter um melhor futuro depois da transferência de soberania.

É uma questão de sobrevivência a competição com os nossos vizinhos. Macau, com um território e uma população tão pequenos¹,

* Conferência apresentada por ocasião do Seminário organizado pela Universidade de Macau em 18-19 de Março de 1996, subordinado ao tema «Macau e o Delta do Rio das Pérolas».

** Director-Adjunto de Administração. Vice-Presidente do Instituto Cultural de Macau.

¹ Desde 1910, especialmente nas décadas de 80 e 90, o território de Macau tem aumentado rapidamente, através da reclamação de terras, passando de 11 km² para os actuais 20 km². E como a reclamação de terras prossegue na zona de Nam Van, Pak On e entre a Taipa e Coloane, no fim do século, o território terá mais 5

nunca poderia competir com Hong Kong em termos financeiros e comerciais, nem tão-pouco com outras cidades da China, em termos de recursos humanos e dimensão de mercado.

Aquando do florescimento em Macau das indústrias de uso intensivo de mão-de-obra, nos anos 70, que começou a declinar nas décadas de 80 e 90, economistas e peritos começaram a procurar uma saída, tentando definir um modelo para Macau, não apenas como uma cidade de jogo de azar e fortuna², mas como um centro estratégico útil na zona ocidental do Delta do Rio das Pérolas. É óbvio que Macau poderia atrair mais investidores e visitantes, se conseguisse incrementar o seu grau de internacionalização, em termos de informação, comunicação, transportes, sistema bancário, experiência técnica e de gestão, etc.

Agora que o Aeroporto Internacional de Macau já está operacional, e, mais tarde, quando estiver ligado a um caminho de ferro ou auto-estradas ao resto da China, e quando as condições do porto de águas profundas forem optimizadas, poderá, então, Macau tornar-se um centro ideal útil ao serviço da região? A resposta é não.

As modernas infra-estruturas devem condizer com as modernas superestruturas. As superestruturas de cada país, região ou cidade têm a sua identidade própria, a chamada identidade cultural, que as diferencia das outras. Se Macau, como cidade, apenas modernizar as suas infraestruturas, ou o *hardware*, e negligenciar o progresso da sua qualidade cultural ou o seu *software*, o território irá perdendo gradualmente a sua identidade cultural, tornando-se igual a qualquer outra cidade chinesa genuína, e devido ao seu fraco poder económico, comparado com o das outras cidades vizinhas, poderá facilmente tornar-se num apêndice de Zhuhai, que é muito maior em tamanho, população e recursos³. Então,

ou 6 km². Mas isto não é nada comparado com Hong Kong (mais de 1 000 km²) ou Zhuhai (mais de 1 200 km²). A pequenez do território e os recursos limitados tornaram quase impossível à população ultrapassar o meio milhão (de acordo com o censo oficial de 1991 era de 355 693 habitantes, mais 47 000 residentes temporários). Mesmo que Taipa e Coloane se desenvolvam rapidamente no próximo século, será muito difícil que a sua população atinja um milhão de habitantes.

² Com o declínio das indústrias transformadoras desde os finais dos anos 80 e com a estagnação do sector imobiliário, desde 1994, a percentagem das indústrias do sector terciário (turismo, sector bancário e outros serviços) continua a crescer atingindo os 70 por cento do PIB. As indústrias transformadoras só poderão ser aceleradas se Macau conseguir modernizar-se passando da baixa tecnologia para a média ou alta tecnologia. Mas os serviços e o turismo podem continuar a melhorar. No entanto, o negócio do jogo ainda constitui cerca de 40 por cento das receitas públicas ou 70 por cento de todas as receitas do turismo. Estas últimas podem vir a ser alteradas com o desenvolvimento do turismo cultural, como será analisado mais adiante neste artigo.

³ O município de Zhuhai cobre uma área de 7 555 km², dos quais 1 200 km² são terra e o resto é água. A população total é de cerca de 600 000 habitantes. A Zona Especial Económica foi estabelecida em 1980, com uma área de 6,81 km², aumentada para 15,555 km², em 1983 e para 121 km² em 1988. As indústrias

a hipótese de «um país dois sistemas», aplicada a Macau, seria totalmente desprovida de significado.

Não será o caso de Hong Kong e Shenzhen, pois aquela colónia é económica e financeiramente mais forte do que Shenzhen. Todavia, o inverso já está a acontecer, isto é, a «Hongueconguenização» de Shenzhen. Na outra margem do Rio das Pérolas, a «Zhuaizição» de Macau poderia facilmente ter lugar, uma vez que os entraves fronteiriços já foram resolvidos.

Portanto, Macau precisa de uma forte protecção para preservar a sua identidade cultural. A Declaração Conjunta Luso-Chinesa e a Lei Básica de Macau já consagraram as bases legais destinadas a essa salvaguarda. Por outras palavras, a autonomia de Macau depois de 1999, baseada na sua identidade cultural, está protegida por lei. Contudo, esta protecção legal perderá a sua força se, desde já, não fizerem grandes esforços e se não forem tomadas medidas concretas para preservar e desenvolver a referida identidade cultural que, na verdade, é o ponto forte de Macau comparativamente com as cidades vizinhas, Hong Kong inclusive, que têm uma história muito mais recente que a de Macau.

Macau, apesar de pequeno em tamanho e poder, poderia ainda crescer e sobreviver muito para além de 1999, durante a competição regional que se avizinha, se fossem tomadas medidas fortes, dentro e fora de Macau, dentro e fora da China, para preservar e desenvolver a sua identidade cultural, convertendo-a num centro estratégico útil, que podia servir a China e o resto do mundo, especialmente a Europa e os países de língua latina, como elo de cultura indispensável, cujo papel começou há quatro séculos e meio, como ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente.

Por outras palavras, um elevado grau de autonomia, tal como a Declaração Conjunta e a Lei Básica prevêm, poderá apenas ser alcançado se a identidade cultural de Macau for plenamente desenvolvida.

2. O QUE É A IDENTIDADE CULTURAL DE MACAU?

A identidade, neste caso, significa singularidade, algo que não se pode encontrar em qualquer outra parte da China ou do mundo.

começaram a partir do nada. Durante os primeiros dez anos, o crescimento industrial anual foi de 38,5 por cento. O crescimento do investimento estrangeiro foi de 21,3 por cento. Quase metade dos produtos manufacturados foram para exportação. Por volta de 1995, o PIB atingiu os 8 mil milhões de yuan, menos de 1/5 do PIB de Macau, mas a taxa de crescimento anual nos últimos cinco anos foi quase o dobro da de Macau. O PIB de Zhuhai *per capita*, em 1995, alcançou os US\$ 2 000, um dos mais elevados da China, embora o de Macau seja sete vezes mais elevado. Todavia deve-se ter em conta que a população de ambos os lados é quase a mesma, mas que Zhuhai tem mais espaço para absorver os imigrantes, vindos de outras partes da China. Se a economia de Macau não conseguir crescer rapidamente, é possível que seja ultrapassada pela de Zhuhai dentro de dez ou quinze anos.

Esta identidade foi criada ao longo de quatro séculos de história, uma fusão de Oriente e Ocidente, com forte sabor sino-latino, diferente da imposição anglo-saxónica de Hong Kong que possui uma história muito mais curta e também diferente, e igualmente diversa da cultura lingnam do Sul da China⁴ que não teve uma abertura duradoura ou directa ao Ocidente.

Não é apenas uma acumulação de elementos orientais e ocidentais, mas uma amálgama química de ambos, claramente manifesta na cultura macaense: na sua língua, cozinha, arte e costumes, caldeados ao longo de gerações, originando, assim, a singular comunidade macaense, diferente da comunidade pura quer chinesa quer portuguesa. Aqueles elementos têm vindo a desempenhar um papel notável na História de Macau, e o seu interesse ficou especificado e salvaguardado pela Lei Básica⁵.

Logo desde o começo, quando os portugueses usaram Macau como entreposto comercial e mais tarde também como centro religioso, a interacção entre elementos orientais e ocidentais decorreu em perfeito pé de igualdade. Não houve forma de os portugueses imporem a sua cultura à cultura chinesa, ao contrário do que acontecera em África, onde o nível de civilização não era tão desenvolvido. E não houve forma dos chineses rejeitarem a cultura ocidental, pois o Ocidente mostrava uma grande superioridade no domínio da ciência e da tecnologia. Este caso é bem diferente do de Hong Kong, onde a cultura anglo-saxónica foi imposta aos chineses sob forte coerção.

O que vimos em Macau foi respeito e tolerância mútuos, aprendendo uns com os outros, e donde resultou um florescente intercâmbio de culturas. E disso um bom exemplo o Colégio de S. Paulo de Macau, fundado acerca de quatro séculos, sendo a primeira instituição de ensino superior no Oriente. Para esse fim, os jesuítas vindos do Ocidente para Macau tiveram de aprender antes de mais nada a língua, costumes, e cultura chineses, assim como os dos japoneses e de outras culturas orientais, surgindo, então, os melhores sinólogos de todos os tempos. Por outro lado, os chineses que ingressaram no Colégio tiveram que

⁴ Lingnam é um conceito histórico, que abrange a área onde se fala cantonês, tanto nas províncias de Guangdong como na de Guangxi, cuja origem rática é Micronesia, tendo-se deslocado da Indochina para norte e datando a sua existência de dois ou três mil anos atrás. Mais tarde, os hakkanenses, originários do Norte, imigraram para Sul, estabelecendo-se parcialmente em Guangdong, juntamente com alguns fujianenses, sendo agora conhecidos como tiuchownenses (chaochownenses). Portanto, só em Guangdong, há três dialectos principais: cantonense, hakkanense e tiuchownense. São grupos de culturas diferentes, mas integradas na cultura lingnam, a cultura do Sul da China. A cultura de Hong Kong e Macau também é um ramo da cultura lingnam, mas com características diferentes, pois estão directamente expostas à cultura ocidental.

⁵ Veja-se o artigo 42.º da Lei Básica de Macau.

aprender latim e estudar a cultura ocidental, tornando-se peritos em civilização ocidental.

Embora a finalidade da aprendizagem fosse a disseminação da religião, a cooperação entre estes dois grupos de jesuítas e eruditos — tais como Matteo Ricci, Tomás Pereira, Nicolas Trigault, Adam Shall von Bell, Ferdinand Verbiest e os seus homólogos chineses Xu Guang-qi, Li Zi-chao, Mei Wen-ding, He Kuo-dong, Wu Li e muitos outros — constituiu um intercâmbio sem precedentes entre as culturas ocidental e oriental, que permitiu a introdução no Oriente da matemática, astronomia, física, arquitectura, medicina, das armas, música, belas-artistas ocidentais etc., levando para o Ocidente a filosofia, a medicina, o chá, a porcelana, os trabalhos em laca, a pintura e muitos outros elementos da cultura chinesa.

O impacto social deste vasto e profundo intercâmbio foi tão grande que esteve na origem de grandes reformas sociais tanto no Oriente como no Ocidente.

Por um lado, o referido intercâmbio influenciou o movimento esclarecedor existente no Ocidente, culminando na revolução da França, Alemanha e Itália, promovendo a revolução industrial e criando um novo estilo de arte, o estilo Rococó.

Por outro lado, os pensadores mais avançados da China como Hung Shiu-chuan, líder do movimento de camponeses Taiping, endossavam as ideias do Cristianismo; Lin Ze-xu o herói na luta contra o tráfico de ópio na China; Wei Yuan o homem que esteve por trás do movimento do autofortalecimento da China; Kang Yu-wei e Liang Chi-chao os reformadores da monarquia constitucional; Zheng Guan-ying, o promotor do comércio moderno; e por último, mas não menos importante, o Dr. Sun Yat-sen, o fundador da República Chinesa — todos estes notáveis líderes tiveram acesso aos avançados conhecimentos estrangeiros que penetraram neste império fechado através de Macau, e em muitos casos com a ajuda dos missionários. Depois de ser digerido este «alimento intelectual» vindo do estrangeiro, começaram a brotar, em solo chinês e japonês, novas ideias que visavam reformar a sociedade, minando as estruturas da cultura tradicional velha de milénios que era monolítica e de natureza fechada, começando uma nova era de pluralismo e de abertura, originando um novo surto da ciência, tecnologia e educação, criando novos desafios desde Oriente ao Ocidente.

Este ciclo de movimento em especial da interacção cultural entre o Oriente e o Ocidente jamais pararia. Macau podia sentir orgulho por ser um dos pontos de encontro, a ponte, a porta de entrada deste ciclo sem fim que começou nos séculos XVI e XVII. A fachada da Catedral de S. Paulo é um testemunho duradouro deste intercâmbio cultural, um monumento que se tornou o símbolo da nossa cidade, o símbolo da coexistência, do mútuo respeito e tolerância, com figuras, esculturas e escritos expressos de forma clara na fachada.

Este espírito de coexistência, de respeito mútuo e tolerância entre culturas diferentes, criou raízes profundas em Macau, tornando-se uma

tradição importante, mais notável aqui do que em qualquer outra parte da região, subentendendo-se mais harmonia do que conflitos, mais controlo e equilíbrio do que confronto, mais reconciliação do que separação, mantendo a estabelecidade na pluralidade.

Esta tradição remonta ao período em que os portugueses aqui se fixaram, como a mais antiga «zona especial económica e cultural» da China, durante as dinastias Ming e Ching, governando sem recorrer à força, e mantendo os direitos soberanos da China sobre o Território, incluindo o direito judicial e aduaneiro, até à Guerra do Ópio, altura em que os portugueses, tirando partido da corrupção e vulnerabilidade do governo Ching, alargaram o seu estabelecimento para norte e para sul, expulsando os funcionários chineses do Território, com algum derramamento de sangue⁶. Todavia, nada do que se passou se compara à violência usada pelos britânicos para ocupar Hong Kong. Durante a Revolução Cultural, quando os guardas vermelhos se insurgiram contra os portugueses, durante o chamado incidente do «1,2,3», em Dezembro de 1966, o conflito pareceu ser muito mais suave do que um semelhante ocorrido em Hong Kong, e os portugueses mostraram ser mais tolerantes do que os britânicos. Em 1979, quando a República Popular da China reatou as relações diplomáticas com Portugal, os portugueses reconheceram que Macau era um território chinês sob administração portuguesa, portanto com estatuto colonial diferente do de Hong Kong sob governo britânico. Depois da Revolução do 25 de Abril em Portugal, foi concedido um maior grau de autonomia a Macau, através do novo Estatuto Orgânico de 1976. A população chinesa local adquiriu o direito de voto em eleições directas ou indirectas desde 1984, muito primeiro do que os chineses de Hong Kong. As negociações quanto ao futuro de Macau também foram muito mais rápidas e com muito menos rondas de conversações e polémicas do que as relativas à vizinha colónia britânica.

Analisando esta longa história de coexistência de duas nações, dois sistemas administrativos e judiciais, dois sistemas diferentes políticos e ideológicos, pode-se facilmente compreender por que razão problemas ocorridos durante o período de transição, como a construção do Aeroporto Internacional de Macau, puderam ser resolvidos mais rapidamente e com menos sobressaltos do que os surgidos em Hong Kong: persiste o mesmo espírito de respeito mútuo, de mútua tolerância e de mútua concessão. É a base das relações duradouras entre a China e Portugal, a pedra-angular do «modelo de Macau», diferente do «modelo de Hong Kong» que encerra mais confrontos e fricções.

É uma questão de culturas legais e políticas diferentes. Uma é

⁶ Depois da ocupação de Hong Kong pelos ingleses, em 1842, o então governador de Macau, João Ferreira do Amaral, aproveitando a fragilidade conjuntural da China Imperial, usou uma política de afirmação, expansão e consolidação do poder português em Macau, política esta que se revestiu de alguns actos autoritários e repressivos.

anglo-saxónica e a outra é latina, uma baseia-se no direito consuetudinário e a outra no direito continental⁷.

Este modelo de coexistência, de mútuo respeito e mútua compreensão reflecte-se de forma mais intensa nas relações entre as diversas religiões — catolicismo, protestantismo, budismo, tauismo, islamismo e religião bahai. Todas praticam as suas crenças e rituais nas suas igrejas, templos e mesquitas, convivendo os seus adeptos de forma amigável, sem conflitos nem derramamento de sangue, como acontece na China continental, no Japão, Filipinas, Indonésia, Irlanda, Bosnia, Médio Oriente e em tantas outras partes do mundo, em que conflitos sangrentos de natureza religiosa nunca conseguiram ser evitados. Esta coexistência pacífica de várias religiões pode ser comparada com a da antiga cidade portuária fujianense de Chuanzhou⁸, o ponto de partida da Rota Marítima da Seda, ainda mais antiga do que a de Macau. Todavia, o referido tipo de coexistência durou mais em Macau do que em Chuanzhou e sem quaisquer interrupções, esperando-se que continue para além de 1999, sob a promessa contida na Lei Básica de que será mantida a liberdade religiosa.

A interpenetração da cultura ocidental e oriental tornou-se parte da nossa vida quotidiana aqui no Território. Os casamentos interraciais continuam a acontecer e num âmbito mais alargado⁹. As cerimónias de casamento continuam a realizar-se à maneira ocidental e oriental e no mesmo dia. Podem ver-se quase as mesmas pessoas acompanhando a

⁷ A diferença entre os dois sistemas legais, de Hong Kong e Macau, tem sido muitas vezes negligenciado pelas pessoas em geral, e pelos eruditos em particular. Na verdade, reflectem o mais profundo contraste entre a cultura anglo-saxónica e a cultura latina. A moderna lei chinesa, agora usada em Taiwan e com um matiz «socialista» na China continental, está na verdade mais próxima do direito continental, que tem também origem no Direito romano. Esta diferença é também importante para o futuro, se Macau, e não Hong Kong, vier a ser a ponte entre a China, a Europa e o resto do mundo latino.

⁸ Chuanzhou é um antigo porto chinês, situado um pouco para o norte do moderno porto de Xiamen em Fujian. Da dinastia Tang (século VII) até aos finais da dinastia Ming (século XVI), foi o porto principal da China para o comércio externo, e também o ponto de partida do famoso navegador chinês Zheng He na sua viagem para sul e ocidente ao longo da rota marítima da seda. Permitiu a entrada da cultura e da religião do Médio Oriente, Índia, da Ásia do sudeste, e mais tarde até de Portugal e Espanha, florescendo como um porto multicultural. Mas decaiu imediatamente, quando a China fechou de novo as suas portas, deixando apenas Cantão e Macau abertos ao comércio externo. Quando a China reabriu as suas portas depois da Guerra do Ópio, Chuanzhou já tinha ficado muito para trás relativamente aos outros portos, e a sua prosperidade multicultural apenas permanece como uma lembrança do passado.

⁹ De acordo com o trabalho de investigação feito pelo antropólogo, Prof. Pina Cabral, nos começos de 1990, os casamentos entre chineses e portugueses, ou entre rnaçaenses e chineses aumentaram muito nas últimas décadas, mostrando uma maior abertura cultural de ambos os lados.

procissão de Nossa Senhora de Fátima e prestando homenagem à deusa Mazhu¹⁰, na véspera do Ano Novo Chinês, pedindo-lhe prosperidade e boa sorte. As festividades orientais e ocidentais são igualmente celebradas por toda a comunidade, sem discriminação, convertendo-se, assim, em mais feriados públicos relativamente aos dos seus vizinhos. O bispo e o monge budista chefe aparecem juntos em cerimónias públicas, abençoando acontecimentos importantes da comunidade local. São tradições que se vêem muito raramente noutras partes do mundo.

A interpenetração de culturas é fisicamente testemunhada pela arquitectura da cidade, um distinto estilo latino combinado com o estilo tradicional chinês. Este património arquitectónico que vai das igrejas e templos, fortalezas e pagodes, casas e lojas, jardins e cemitérios, praças e becos, constitui uma herança cultural singular, preservada graças a uma legislação escrupulosa", posta em prática por um departamento especial do Instituto Cultural, que impede que seja completamente destruído pela comercialização febril de prédios antigos ou que seja submergido pela selva de cimento armado, como acontece em Hong Kong. Este aspecto está salvaguardado pela Declaração Conjunta e Lei Básica¹², em consonância com as orientações das Nações Unidas.

Somos mais felizes do que Hong Kong e o resto da China continental, porque este património cultural, bem como os seus arquivos públicos e privados e registos escritos, desde os existentes nas igrejas, templos, companhias, casas de penhor ou mesmo de antigos costumes chineses já extintos na China continental, mantêm-se intactos graças ao estatuto especial de Macau na história, conseguindo-se que não fosse destruído por guerras mundiais, civis ou por quaisquer outros movimentos extremistas da moderna história chinesa. Parte deste património será exibido, dentro em breve, no Museu de História de Macau.

Macau é em si mesmo um museu vivo, um tesouro enorme da civilização humana, que aguarda que o continuem a explorar e a desenvolver, oferecendo, desde já, vastos recursos de características singulares, e material propício à investigação e turismo cultural.

Pelas razões aqui apontadas, uma pessoa que nos visitou, aliás, um erudito chinês ultramarino, que vive no estrangeiro, fez uma descrição

¹⁰ A deusa Mazhu, protectora dos pescadores e navegadores, é originária de Fujian. Os mais antigos imigrantes para Macau construíram o Templo de Mazhu, muito antes dos portugueses aí se estabelecerem, e a deusa tornou-se o símbolo, de um modo geral, de protecção e prosperidade, respeitado não só pela comunidade chinesa, mas também pela comunidade macaense/portuguesa.

¹¹ Logo em 1976, as autoridades de Macau começaram a fazer legislação, a fim de impedir que as relíquias culturais fossem destruídas e demolidas, e quando o Instituto Cultural de Macau foi estabelecido em 1982, começou a classificar os edifícios e monumentos de valor histórico e cultural, protegendo-os com leis severas e regulamentos, e oferecendo compensações monetárias aos donos de tais edifícios.

¹² Veja-se o artigo 125.º da Lei Básica de Macau.

impressionante do Território. Segundo o mesmo, se Hong Kong se transformou na «Pérola do Oriente», Macau é ainda um diamante por lapidar, que adquirirá um maior valor e brilho que o de uma pérola, se for condignamente trabalhado.

Contudo, persiste ainda o perigo deste diamante se tornar gradualmente numa pedra vulgar, se ninguém cuidar dele, ou se se consentir que sentimentos nacionalistas e esquerdistas extremos, bem perceptíveis em debates recentes, se manifestem e prevaleçam depois de 1999.

De acordo com estes sentimentos, o actual sabor latino e mesmo a antiga tradição chinesa do nosso património cultural não passa de lixo colonialista e feudalista que deveria ser lançado fora. Que ficará de Macau, se se permitir que a língua portuguesa desapareça, se os macaenses que aqui permanecerem forem considerados como estrangeiros, se se consentir que se destruam as relíquias existentes ou que se alterarem completamente os seus valores histórico e cultural, se o direito continental português for substituído pelo direito chinês, se se deixar que a liberdade religiosa se desgaste e surja em seu lugar a repressão, se os velhos costumes chineses forem banidos como se de superstições inúteis se tratasse, etc., etc.?

É óbvio que desta forma o diamante mais tarde ou mais cedo se transformará em pedra rude. Se ninguém se preocupar em lapidá-lo, o seu brilho raro nunca será revelado, e um diamante por lapidar jamais poderá competir com uma pérola.

Felizmente, e não quero com isto parecer demasiado optimista, cada vez mais pessoas da comunidade chinesa de dentro e fora de Macau, já começaram a compreender a necessidade de preservar e desenvolver a identidade cultural. Seria ajuizado tanto para as autoridades de Beijim como para a comunidade local chinesa, que se elegessem ou nomeassem pessoas com sentido pragmático e com um bom entendimento e conhecimento do património cultural de Macau, para ocuparem posições de relevo no Governo da futura região autónoma especial que garantam que esse diamante não venha a degenerar numa pedra sem valor.

Contudo, antes de 1999 há ainda muitas coisas para serem feitas no sentido de se preservar e desenvolver a identidade cultural de Macau, de forma a criar-se uma base que garanta a continuidade depois de 1999.

3. MEDIDAS CORRECTAS PARA A PRESERVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL DE MACAU

Na sequência de longos debates e estudos, tem havido um consenso cada vez maior sobre os seguintes pontos que são considerados como as medidas correctas para preservar e desenvolver a identidade cultural de Macau:

3.1. INTENSIFICAR OS ESTUDOS E A INVESTIGAÇÃO

A identidade cultural de Macau nunca poderá ser explicada de

forma científica sem investigação a qual, na verdade, ainda é incipiente, pois sendo por natureza interdisciplinar, abrange história, antropologia, sociologia, linguística, literatura pedagógica, direito, política, economia, arte, música, filosofia, teologia, arquitectura, folclore, gastronomia, etc. Especificar a identidade cultural de uma região é um estudo muito complexo. Já há estudos do género para Hong Kong (Hongueconguelogia), para Shenzen (Shenzhenologia), para Lingnam (Lingnamologia), para Chuanzhou (Chuanzhouologia), bem como para outras cidades e regiões que estão a tornar-se mais conhecidas na China. Mas nós em Macau estamos muito longe de criar a disciplina de Macaologia, pois a nossa universidade e outras instituições ainda fizeram muito pouco a este respeito e jovens estudiosos locais, especialmente no campo das humanidades, são muito poucos.

O Instituto Cultural de Macau tem encorajado e subsidiado eruditos de Macau e do exterior a fazer este tipo de estudos, embora em escala muito limitada, publicando-os na sua revista cultural trilingue. A Universidade de Macau começou há bem pouco tempo a alargar os seus cursos de pós-graduação no campo das humanidades, mas ainda com muitas dificuldades, incentivando os estudiosos jovens a fazer investigação sobre temas locais. A Fundação Macau e a Fundação Oriente também têm publicado livros sobre temas locais, mas de baixo nível académico. Na revista «Administração» e outras revistas de direito e economia, existem artigos de boa qualidade.

Têm-se realizado cada vez mais seminários internacionais em Macau, para aprofundarmos os conhecimentos sobre a nossa identidade e sobre o papel de Macau na região. É importante que haja mais debates deste género, para que o mundo saiba mais sobre o território de Macau, sobre o seu modelo e o seu significado para o mundo, especialmente nesta altura em que se debate a previsão do Professor de Harvard, Samuel Huntington, o «choque de civilizações» entre o Oriente e o Ocidente, ou entre o Cristianismo e a aliança Confucianista-Islâmica do próximo século.

O modelo de Macau pode facilmente provar que isto não é correcto. Permita-me que cite um grande amigo de Macau, um erudito de renome mundial, o chefe budista japonês, Daisaku Ikeda, que apela para a tolerância e diálogo, ao invés do choque de civilizações: «O exemplo de Macau mostra claramente que culturas diferentes podem coexistir. Apesar da sua pequenez, Macau possui um grande dinamismo, a sua história é a cristalização do intercâmbio cultural entre o Oriente e o Ocidente. É a melhor dádiva de esperança para a humanidade que caminha para a globalização e para uma nova era dos 'descobrimientos marítimos'»¹³.

¹³ É citação de uma afirmação de Daisaku Ikeda, por ocasião da sua segunda visita a Macau, em 1991. É presidente da SokaGakkai International, que tem ramos e actividades espalhados por todo o mundo. Publicou muitos livros sobre religião, cultura, paz, humanismo, traduzidos em várias línguas.

3.2. PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO CÍVICA

A identidade de Macau só poderá ser preservada, se dela se aperceberem e estiverem prontos para defendê-la, não apenas um pequeno número de políticos e de eruditos, mas também a população em toda a sua extensão, especialmente as gerações mais jovens.

Com efeito, a maior parte da população é constituída por imigrantes vindos da China ou por chineses ultramarinos provenientes de várias partes do mundo, quase sem raízes no Território e sem o sentido de pertença. Mesmo os macaenses que têm raízes mais profundas aqui, já passaram por várias experiências de êxodo desde 1949, e muitos ainda têm dúvidas quanto ao seu futuro. É por isso que a educação cívica, que foi completamente negligenciada no passado, se tornou uma prioridade maior nos anos que restam do período de transição, permitindo aos residentes, especialmente à geração mais jovem, ter uma melhor compreensão da sua identidade e do seu futuro, de forma a poderem sentir-se orgulhosos de serem cidadãos de Macau¹⁴.

Não basta dar grande importância ao esclarecimento das pessoas sobre a Lei Básica, que se relaciona mais com o futuro. É também necessário que conheçam o passado e o presente o que implica o estudo da história, geografia, sistema legal e político, cultura e religião de Macau. Devem ser escritos e publicados livros de estudo, e muitos artigos, panfletos e brochuras sobre estes assuntos para os alunos do ensino primário, secundário e ensino superior, assim como para o cidadão comum. Deviam constar dos curricula como disciplinas obrigatórias, para que eles pudessem fazer uma ideia clara sobre a evolução da sua identidade, do passado ao presente e continuando-se pelo futuro.

Dever-se-ia também encorajar este conhecimento do próprio Território, através da promoção de concursos, exposições e espectáculos, da pintura e fotografia, dos vídeos e filmes, da música, dança e teatro relacionados com temas e assuntos locais.

Na educação cívica, as autoridades deviam ter um relacionamento mais próximo e deveriam colaborar com escolas e associações cívicas e culturais do Território. É de salientar que se têm feito progressos neste último aspecto.

O público deve também ser encorajado a ajudar a construir o seu museu de história, à semelhança do Museu Marítimo, que é um instrumento importante para a educação cívica.

¹⁴ Devido à mobilidade da população de Macau e ao seu grande número de novos imigrantes, à sua falta de educação cívica, durante um longo período de tempo, os chineses de Macau chamam-se a si mesmos «Chung Kuo Yan» (chineses), e raramente «Ou Mun Yan» (macaenses), ao contrário das pessoas de Hong Kong que têm muito orgulho em se chamarem «Heung Kong Yan» (hongueconguenses).

3.3. A UTILIZAÇÃO E O MELHORAMENTO DO PATRIMÓNIO CULTURAL

Estão a evidenciar-se todos os esforços e a fazer-se investimentos para se preservarem as relíquias de alto valor cultural, artístico e histórico. São exemplos recentes o restauro da Praça de St.º Agostinho e o Lilau¹⁵, que tornou estes lugares mais atraentes sob o ponto de vista turístico. O restauro da Rua da Felicidade e da Casa do Mandarim¹⁶, já está a ser discutido. Há muitas outras que necessitam de ser restauradas, para que Macau se torne um museu vivo que sirva o turismo e ao mesmo tempo contribua para a educação cívica — um projecto ambicioso, mas de grande valor, que se pode prolongar para além de 1999.

Da recente recessão económica de Macau, pode-se verificar facilmente que o ponto mais forte da economia do Território é ainda o turismo, cujos maiores proventos advêm dos casinos e do negócio do jogo. Contudo, há um forte desejo por parte da população local e das autoridades em mudar o *ratio* entre o jogo e o turismo cultural, aumentando a percentagem deste último, através do desenvolvimento de mais projectos de turismo de natureza cultural, como acontece em Las Vegas e Monte Carlo, onde foram abertos muitos parques obedecendo a temas diversos, criando mais pontos de interesse para os visitantes, jovens e velhos, jogadores e não-jogadores que podem assim desfrutar da cultura, aumentando a taxa das dormidas nos hotéis¹⁷ e contribuindo para o florescimento da indústria de *catering* e do comércio.

¹⁵ A Praça de St.º Agostinho, num sítio elevado por trás do Leal Senado (Câmara Municipal) é muito típica com o seu ar antigo e latino, ladeada da Igreja de Santo Agostinho, do Teatro Dom Pedro V (renovado e restaurado de acordo com o seu estilo primitivo de teatro clássico, da Biblioteca Sir Robert Ho Tung e da Academia de Artes Visuais, tudo numa praça só. A praça do Lilau foi um dos mais antigos estabelecimentos dos portugueses perto do porto interior, que guarda muitas memórias das famílias macaenses que viveram naquela zona. As casas à volta da praça foram restauradas recentemente restituindo a vida ao local com uma *fonte* (os chineses chamam-na «Ah Boh Cheng», Fonte da Avó), onde muitos macaenses ilustres espalhados pelo mundo fora poderão encontrar as suas raízes.

¹⁶ A Rua da Felicidade ou Fu Long San Kai em cantonense, era a área de prostituição mais frequentada, após a Guerra do Ópio. Mais tarde, após a proibição daquela actividade, tornou-se o local mais antigo da indústria de restauração com todas as espécies de restaurantes tradicionais. A Casa do Mandarim fora a mansão privada do Mandarim Zheng Guanying da dinastia Ching, que era um velho amigo do Dr. Sun Yat Sen. Era conhecido pelas suas ideias liberais relativamente à promoção do comércio. A mansão foi construída em estilo tradicional, já extinto na China, é portanto, um exemplar único da arquitectura daquele estilo.

¹⁷ Embora ultimamente tivessem sido construídos muitos hotéis em Macau, a taxa de ocupação, antes da abertura do aeroporto, tem sido baixa (cerca de 60 por cento), enquanto que a média de estadia de turistas em Macau, em 1994, foi de 0,9 dias. Estes números bastante modestos devem-se principalmente ao facto de Macau não dispor de infra-estruturas de diversão para os turistas com a excepção de casinos e «night clubs», locais que, de acordo com estatísticas recentes, mais de metade dos turistas não gostam de frequentar.

Contudo, o desenvolvimento destes parques que obedecem a uma unidade temática tem sido, recentemente, assunto de acesos debates. O problema reside em saber-se que tipo de parques se deverão criar. Dever-se-á repetir o que já existe noutras partes da China e do mundo, tais como o Ocean Park e a Cidade da Dinastia Song de Hong Kong, a China em Miniatura, e a Janela do Mundo de Shenzhen, ou a Disneylândia dos Estados Unidos, Japão e Paris? A resposta é categoricamente não. O que nós precisamos é de algo de diferente, baseado na nossa história e cultura e com uma forte componente sino-latina.

É uma combinação da moderna tecnologia e da nossa identidade cultural, que tem de ser alvo de muita investigação e de criatividade, captando aspectos da riqueza da nossa história, temas que poderiam atrair vários tipos de visitantes desde a região Ásia-Pacífico, China continental, Taiwan até ao Ocidente. A coordenação dos projectos é extremamente importante para evitar a duplicação e perda de recursos limitados. A maior parte deles tem de ser fruto de investimento privado.

Se tivermos sucesso no desenvolvimento dos nossos parques que visam a atracção turística, Macau deixará de ser uma «sombra» de Hong Kong para se tornar numa «cabeça de dragão» do turismo da zona ocidental do Delta do Rio das Pérolas, com atracções diferentes das de toda a região da Ásia-Pacífico. Assim, em pouco tempo, a imagem de cidade do jogo passará a ser a de cidade de cultura.

Para a promoção, precisamos de uma equipa forte de guias turísticos devidamente qualificados, especializados em história e cultura de Macau, de forma a poderem explicar aos turistas as nossas características culturais, os nossos monumentos, as nossas relíquias, com competência e vivacidade, em diferentes línguas. Brochuras várias e panfletos têm de ser escritos e editados para satisfazer os requisitos que esta tarefa impõe.

3.4. PROMOÇÃO DO BILINGUISMO E DO MULTI-LINGUISMO

O bilinguismo é o cerne da nossa identidade cultural. A necessidade de manter a língua portuguesa como língua oficial depois de 1999 deriva da necessidade de preservar os sistemas administrativo, legislativo e judicial que têm de ser bilíngues para manter o seu normal funcionamento e qualidade, como está expresso na Lei Básica. A formação linguística intensiva dos funcionários públicos que decidiram ficar depois de 1999, especialmente aqueles cuja língua mãe é o chinês, bem como a sua promoção para cargos importantes, durante o processo de localização, poderão contribuir para a consolidação deste aspecto.

O uso do português não se limita apenas àquelas três áreas. É essencial à investigação no campo das humanidades, especialmente para a história de Macau, literatura, arte, arquitectura etc. É também essencial se Macau quiser manter e estreitar os seus laços com os países lusófonos bem como as suas relações comerciais e culturais.

Em resumo, os 3 por cento da população de Macau que falam português são uma vantagem cultural preciosa que não se encontra em

parte nenhuma da China e que deve ser mantida, alargada e melhorada, tanto em qualidade como em quantidade.

É prioritário que se crie uma grande equipa de professores chineses que possam ensinar português aos estudantes chineses, como segunda ou terceira língua estrangeira, nas escolas secundárias e superiores, e a um nível diferente para investigadores, como língua profissional. Professores de nacionalidade portuguesa poderiam ensinar estudantes de nível superior.

O uso do chinês na administração é também importante, pois quebrará todas as barreiras existentes, criadas pelo uso do português, enfatizando-se a aprendizagem do chinês por parte dos portugueses que quiserem permanecer no Território depois de 1999. Mesmo os portugueses que já falam cantonês, deverão aprender *putunghua* para melhorar os seus conhecimentos falados e escritos, para aperfeiçoar o seu nível de chinês em geral, que ainda é baixo comparado com o da China continental.

É evidente que é demasiado exigir que todos os funcionários públicos dominem ambas as línguas a um nível superior. Esta falta poderia ser suprida por uma boa equipa de intérpretes e por uma elite de tradutores de qualidade. Dever-se-ia proporcionar-lhes cursos de nível superior, a fim de poderem aperfeiçoar os seus conhecimentos.

Deveriam ser compilados bons livros de estudo para principiantes e estudantes mais adiantados, bem como dicionários actualizados e glossários de uso prático. A investigação no sentido de melhorar a metodologia do ensino de línguas é uma questão chave que tem sido negligenciada.

No entanto, Macau é um porto franco em crescimento rápido numa cidade internacional, por isso há necessidade urgente de melhorar o ensino do inglês como língua franca.

Há ainda uma necessidade urgente de tradutores multilíngues, versados em *putunghua*, português e inglês e capazes de fazerem tradução simultânea, pois conferências e seminários internacionais, que são considerados por muitos como a forma ideal de encontro, devem ser realizados cada vez com mais frequência em Macau. Dever-se-ão providenciar cursos especiais para formarem os tradutores para este fim.

Por último, mas não sendo um factor de menor importância, este âmbito multilíngue de Macau, deveria ser alargado e constituir uma prioridade relativamente a outras línguas latinas, como o espanhol, o francês e o italiano, que são mais fáceis de aprender tendo como ponto de partida o conhecimento do português. Este facto decorre da necessidade de Macau ser usado como um elo de ligação natural e especial entre a China e os países de língua latina.

3.5. AUMENTO DE CONTACTOS COM A EUROPA E O MUNDO LATINO

Uma vez analisado o património cultural de Macau e seus valores, pode-se ver facilmente que Macau encerra em si um grande potencial

para se tornar no intermediário capaz de aproximar mais a China da Europa e do resto dos países de língua latina, que perfazem um sexto da população do mundo.

A China tem necessidade de assim proceder devido ao desequilíbrio nas suas relações externas, confiando demasiado nos contactos com os países de língua inglesa, enquanto que a Europa e os outros países latinos são postos em segundo plano¹⁸. A China tem vindo a reajustar a sua estratégia, a fim de aumentar os contactos com a Europa e aqueles países.

Macau seria o elo de ligação ideal nesta estratégia, se pudesse fornecer os serviços de informação, investigação e consulta necessários. Possui os elementos básicos para se atingir este objectivo, pois a sua língua, o direito, a nacionalidade (um quarto dos residentes de Macau têm nacionalidade portuguesa e direito a residir na União Europeia), e as suas relações quer histórica quer culturalmente aproximam-no da Europa. Portanto, foi seleccionado pela UE como base no Oriente, através de um acordo preferencial assinado em 1992¹⁹, e do estabelecimento da Euro-Info Centre em Macau, logo a seguir.

Devido à falta de promoção, este tratamento preferencial dado pela UE a Macau em termos de investimento, comércio, informação, transferência de tecnologias, formação etc., que Hong Kong e outras partes da região não desfrutam, não tem sido devidamente aproveitado. Poderia ser mais desenvolvido por meio de uma maior investigação e promoção.

Foi inaugurado com sucesso, em Fevereiro de 1996, o Instituto de Estudos Europeus de Macau, com a finalidade de realizar projectos de investigação sobre a União Europeia e disseminar informação sobre a mesma na região Ásia-Pacífico, especialmente na China.

O papel de Macau como intermediário entre a Europa e a China tem sido reconhecido e aprovado pelas actividades da Transcultura, que depois de dois anos de investigação e contactos, promoveu o estabelecimento do Clube de Empresário Sino-Europeu, cujo objectivo é criar uma vasta rede humana que visa a realização de negócios entre a China e a Europa através de Macau. É o único lugar da China onde os europeus podem encontrar afinidades culturais, um sentimento muitas vezes preterido em termos financeiros e comerciais como em Hong Kong.

Os países latino-americanos, especialmente o Brasil, que caminha rapidamente para a posição de terceira potência económica mundial no

¹⁸ Os países, regiões e cidades de línguas latinas, que se estendem pelo Sul da Europa, África, Ásia e América Latina, são mais de 80 e abarcam um sexto da população mundial, a maior parte ainda num estágio de desenvolvimento, como o Brasil que tem elevadas possibilidades de figurar como a quinta potência económica no próximo século. Estes países, porém, apenas abarcam 7,7 por cento do comércio com a China e 1,2 por cento do investimento estrangeiro naquele país.

¹⁹ É um acordo por cinco anos, renovável, com esperanças de se prolongar para além de 1999.

próximo século, está a esforçar-se no sentido de incrementar os seus contactos com a Região Ásia-Pacífico, nomeadamente a China.

Os contactos com os países sino-americanos poderiam ser mais facilmente estreitados através de Portugal e da Espanha, por meio de estudos ibéricos, o que ainda não existe na China, mas que poderia ser facilmente criado em Macau.

Já está projectada uma outra iniciativa que é a criação de uma Fundação Sino-Latina, de carácter privado, e que funcionará para além de 1999, com a finalidade de coordenar e fortalecer várias funções: primeira — criar e modernizar uma base de dados de carácter amplo sobre Macau, China, Região Ásia-Pacífico e países latinos; segunda — fazer investigação nestes dois sentidos — relações entre Macau-China Países Latinos e Macau-Ásia-Países Latinos; terceira — tornar Macau numa base regional para o ensino de línguas como o português e outras línguas latinas visando a formação em cultura latina, bem como o ensino do chinês, a fim de se formarem sinólogos, provenientes, especialmente, de países latinos; quarta — providenciar elementos de consulta que permitam a promoção do comércio e de assuntos relativos a esta área, entre a China-Macau-Países Latinos.

Macau é o lugar onde a China, a Europa e o mundo latino podem conduzir os seus diálogos de natureza económica e sociológica, bem como sobre engenharia, planeamento urbano, transportes marítimos, em suma, estabelecer o diálogo que os negócios exigem, num ambiente completamente livre, modelando e influenciando as suas próprias sociedades. O Centro de Software da Universidade das Nações Unidas, sediado em Macau, tem vindo a prestar-nos o seu apoio, para se alcançar este objectivo²⁰.

4. CONCLUSÃO

Já nos resta pouco tempo para alcançar o ambicioso objectivo de dar forma e lapidar o diamante que é Macau, para que se torne resplandescente na região que atrairá eruditos e visitantes da China, da Ásia-Pacífico, da Europa e da América Latina. E um objectivo que só se atingirá a longo prazo e, obviamente, só depois de 1999. Mas temos que lançar as bases destes projectos agora, nos poucos anos que antecedem 1999.

Não há, portanto, tempo a perder. A dedicação, a experiência intelectual, o apoio generoso vindo de todas as direcções, a coordenação meticulosa dos limitados recursos existentes são a solução que nos permitirá, com sucesso, conseguir que Macau seja a ponte no espaço e no tempo, ao serviço das relações humanas.

²⁰ Este centro de informática das Nações Unidas, em Macau, foi criado em 1992, com boas ligações com a China, Ásia-Pacífico e países latino-americanos, com o objectivo de levar a efeito investigação e proporcionar formação aos países subdesenvolvidos de todo o mundo.